



Danças no exterior

Como conseguiu a dança deixar o palco? Como conseguiu deixar os salões e os teatros para olhar o exterior, os corredores dos teatros, as ruas, florestas, museus... Ao deslocar-se para o exterior, a dança perde o palco e, por vezes, até a horizontalidade e a gravidade. O seu carácter espectacular e performativo é, assim, questionado, alterado; os seus códigos de criação são abalados.

Durante diferentes períodos do século XX, movimentos alternativos afastaram a dança do palco e do teatro para redescobrir o corpo, para reintroduzir a dança ritual e orgânica como na comunidade Monte Verità. Membros do Judson Dance Theater desenvolveram o seu carácter altamente pessoal, inspirados por realidades do quotidiano, criando uma dança que era urbana e responsiva aos seus ambientes na viragem para o século XXI.

1. Comunidade Monte Verità

No começo do século XX, artistas e intelectuais de todos os quadrantes juntaram-se para descobrir novos horizontes de criação e de vivência, em reacção aos códigos e convenções da sociedade burguesa de então.

Imagine-se, uma comunidade sitiada no cume das montanhas suíço-italianas onde o psicanalista Carl Gustav Jung, o pintor Paul Klee, os escritores Herman Hesse e James Joyce, os bailarinos Rudolf Laban, Mary Wigman, Isadora Duncan e Suzanne Perrottet se conheceriam. Nesta comunidade focada no naturismo, espiritualismo, vegetarianismo e numa miríade de ideais utópicos, os avanços no campo da psicanálise abriram as portas para a individuação, para o subconsciente, para o "eu" trespassado pelas artes, a poesia, o teatro e a dança.

Aborrecidas pelos métodos rítmicos de Dalcroze, que pecavam por excessivo servilismo à instituição musical, Mary Wigman e Suzanne Perrottet aproximaram-se de Rudolf Laban, que tinha sido convidado para a comunidade em 1912, a fim de criar a *École De L'art Du Mouvement* (Escola para as Artes do Movimento).

Em resposta à guerra e à antiga ordem social, Laban organizou, em 1917, uma celebração conhecida como "Hymne au soleil" (Hino ao Sol) que durou toda a noite e juntou espectadores e bailarinos. Este "trabalho de coro" fez eco a rituais pagãos, gregos e romanos (Laban falou de "cultura primitiva") e ilustrou formas de que o coreógrafo iria adoptar para a posteridade, tais como círculos, "danças cíclicas" e "danças corais".

Isadora Duncan permaneceu pouco tempo na comunidade. Mary Wigman, por sua vez, criou as suas *Danses Extatiques* (Danças do Êxtase) e a sua famosa *Danse de La Sorcière* (Dança da Feiticeira) no Monte Verità; foi aqui que a artista desenvolveu o



seu trabalho de improviso e se deixou inspirar pelo que chamou o seu "impulso vital".

2. Anna Halprin

Desde que começou em 1940, Anna Halprin sempre seguiu em demanda da dança que correspondia à sua personalidade, cujos movimentos eram os mais fiéis mensageiros da sua reflexão, ecoando a sua personalidade. O seu objectivo é retornar à essência do movimento, àquele que existia antes da dança codificada e espectacular apresentada nos teatros.

A sua dança oferece uma oportunidade de reagir quando confrontada com o mundo dos humanos, das ideias, da política, da cidade mas, também, quando confrontada com a natureza, a floresta, as praias e os parques. Como tal, a comunidade humana, a beleza da natureza tornaram-se fonte de inspiração para as suas *performances*.

Halprin começa com movimentos do quotidiano a que chama "tarefas" e ilustra-os através de cenários improvisados que propõe aos grupos com que trabalha.

A sua confiança no poder do corpo, que ela própria experienciou quando teve de lutar contra um cancro do útero, levou-a a desenvolver uma abordagem curativa a que chamou *Healing Dance* (Dança Curativa), que propôs em *workshops* organizados para doentes com HIV e cancro.

Na Carolina do Norte, com o seu marido, arquitecto, construiu uma casa de madeira que compreendia um palco de dança com vista sobre a natureza e fez suspender redes gigantes entre as sequoias do parque.

A dança que desenvolveu ao longo dos *workshops*, encontros e reflexões, vive e respira desta localização e estende-se pelo país até às praias do Pacífico e às cascatas envolventes.

3. Trisha Brown

No começo da década de 60, o pós-modernismo - movimento originado em Nova Iorque, no Judson Dance Theater - questiona a relação entre o palco, a *performance* e o espectacular.

Trisha Brown, uma dos impulsionadores deste movimento, trouxe a dança para as ruas, para os parques, para as fachadas e telhados de Nova Iorque.

Nos *workshops* que deu, em localizações alternativas, desenvolveu a arte do improviso e debulhou o processo de criação. Brown chegou mesmo a tentar implementar técnicas para memorizar as improvisações. Estes *workshops* eram pontos de encontro ideais para a matéria coreográfica que iria sustentar as improvisações e as *performances* que ela propõe *in situ*, as suas "composições instantâneas".



No seu trabalho "Roof and Fire Piece", os bailarinos eram posicionados nos telhados de vários edifícios, o público a toda a volta, nos telhados mas também no passeio ou espreitando pelas janelas. Trisha Brown não só propôs dança inovadora como também atribuiu aos espectadores um estatuto especial. Como tal, estes tinham uma grande variedade de perspectivas sobre a *performance*, e os bailarinos uma grande variedade de eixos através dos quais se expressar.

4. Thierry De Mey

Diz Thierry de Mey que "para libertar a dança da sua omnipresença cénica, ela tinha que ser provocada, atirada para fora e obrigada a enfrentar o mundo exterior."

Com o advento do vídeo nos anos 80, coreógrafos e realizadores jogaram com o espaço, tempo, eixos e perspectivas, propondo coreografias criadas para imagem e referidas como "danças de vídeo".

A dança existe para além do palco, para além do momento, para além dos olhos do público que é, assim, convocado de forma diferida.

Thierry De Mey, compositor e realizador, e Anne Teresa De Keesmaeker, coreógrafa, estabeleceram um duo exemplar desde este período. Produzem a dança de Anne Teresa em locais sempre surpreendentes, naturais ou urbanos. A dança, que é, no entanto, intensamente composta, deixa-se inspirar pela beleza da natureza ou da arquitectura envolvente. A composição coreográfica é retrabalhada para a câmara. Como tal, é revelada de forma diferente, baseada nos eixos e valores dos planos escolhidos quando o vídeo é filmado e baseada em ritmos e técnicas de edição.

Thierry de May, que também trabalhou com Michèle Anne De May e Wim Vandekeybus, aperfeiçoa o seu *savoir faire* técnico com uma poesia imensa, instintiva, minimalista, infra e celular, ainda que discreta.

Ao fazer isto, leva-nos numa jornada até um mundo cheio de movimento puro, com ressonância orgânica, imagens fractais onde o formalismo extremo, alta tecnologia e poesia altamente sensitiva se encontram em harmonia.

5. Antoine Le Menestrel

Um alpinista bem sucedido, um bailarino durante o fim dos anos 80 nas companhias Roc in Lichen e Retouramont, Antoine Le Menestrel foi um dos membros de uma pequena banda (Laura de Nercy, Bruno Dizien, Fabrice Guillot, etc.), que, não só tirou a dança da frente do palco, mas também lhe retirou a sua horizontalidade. Dança-escalada, dança vertical, l explora as fachadas dos edifícios, o desfiladeiro de Verdon, mostrando bailarinos e também *décors* e projecções de vídeo.



Antoine Le Menestrel continua a alcançar o cume de fachadas altamente improváveis com graciosidade e um método de rastejar digno de outro mundo. Bailarino de fachadas e paredes, Le Menestrel escalou recentemente a extraordinária fachada do Cour d'Honneur do Palais des Papes (Palácio do Papa) em Avignon. Em "Inferno" de Romeo Castellucci e depois em "Cour d'Honneur" de Jérôme Bel.

Nas cartas que assina, despede-se "verticalmente seu".

6. Julie Desprairies

Dança e arquitectura,

Corpo e construção,

Dança reflectindo corpos contra design de edifícios.

Durante cerca de quinze anos, Julie Desprairies tem desenvolvido o seu trabalho de "ambiente coreográfico" ocupando locais arquitecturais.

As suas *performances* são sempre determinadas por um edifício que provoque acções, movimentos, gestos dos bailarinos e dos amadores com quem trabalha.

Os projectos são a longo-prazo, requerendo vários meses de assimilação, várias dúzias de artistas para entenderem o contexto físico, as intenções conceptuais e, ultimamente, para propor um evento coreográfico, um ritual artístico, uma espécie de celebração do local.

Desprairies revela aos habitantes dos sítios a sua própria dança, a moldura torna-se a estrutura, a arquitectura dos corpos "molda-se" na do espaço.

Este excerto de *Là Commence le Ciel* (Lá Começa o Céu) espelha *Roof and Fire Piece* de Trisha Brown. Julie Desprairies encenou gestos-sinais ao posicionar o bailarino localizado na varanda a 500 metros dos bailarinos localizados nas torres. Estes gestos são retirados de uma dança descoberta em arquivos municipais e criada por um professor para os seus alunos pelas Fêtes De La Jeunesse Villeurbanaises (Celebrações da Juventude de Villeurbane) em 1966.

Através da dança, Julie Desprairies leva a palco a arquitectura do quarteirão de Villeurbanne, construído em 1934 e conhecido como *les gratte-ciel* (arranha-céus). A majestade destas torres e da avenida é acentuada pela simples presença do corpo dos bailarinos.

Como diz a coreógrafa: "fazer um grupo de pessoas que estão a 500 metros de distância dançar em conjunto é espectacular, usando apenas o processo da relação dos corpos sustentada pela cidade... é essa a magia da dança!"

7. Foofwa d'Imobilité

Nascido Frédéric Gafner, define-se como "bailairno, coreógrafo e investigador de dança, em prática e em teoria".



Desde 2000, tem sido um artista multifacetado, quer nas suas parcerias, quer nas áreas de investigação. Podemos também acrescentar que é um inventor genial, um leal defensor da dança e da sua história e um curioso sobre encenação e multimédia.

Foofwa cria *performances* extravagantes, onde a prática e a teoria se misturam: uma história da dança no seu próprio estilo - *Histoires Condansées* (Histórias codançadas) -, um tributo à grande figura que desapareceu em Junho/Julho de 2009 - *Pina Jackson in Mercemoriám* - e aulas e *workshops* de dança online, entre Genebra e Nova Iorque - *Télépédagogia*.

Em *Kilometrix.dancerun.4*, que se concentra na sua investigação sobre desporto e dança, o artista criou o conceito de *corridas dançadas* ou *danças corridas*, que realizou nas cidades por onde houvera viajado: Paris, Lyon, Zurich, Cairo, Bologna. Como uma espécie de bobo da corte da maratona artística, Foofwa convida cidadãos a segui-lo, usando qualquer modo de transporte, por uma distância de 5 a 15 quilómetros. Um operador de câmara em patins acompanha-o e no fim da corrida mostra o filme e inicia a discussão.

8. Kitsou Dubois

Instalações, produções, encenações, criações *in situ*, conferências, etc. A dança e as artes, as artes e a ciência, a dança e o circo... a sua carreira e as suas criações são multidisciplinares, no entanto, Kitsou Dubois só tem um objectivo: gravidade.

Há já muitos anos, em colaboração com o CNES (Centro Nacional para Estudos do Espaço), a ESA (Agência Europeia do Espaço), experimenta micro e zero gravidade durante vôos parabólicos com a sua equipa de dançarinos e artistas de circo.

Kitsou Dubois explora o corpo expandido e dilatado, que altera os seus limites e experimenta a alteração de peso. Ela larga os bailarinos em esferas onde a gravidade é alterada.

Os seus movimentos quebram os nossos pontos de referência: cima/baixo, horizontal/vertical, peso/leveza, para influenciar a percepção de que temos o nosso espaço interior e, concorrentemente, o do nosso ambiente.

Em *Trajectoire Fluide* (Trajectória Fluida), combina a projecção de vídeos onde os bailarinos movem, debaixo de água, um trampolim, elásticos, cadeiras onde os bailarinos do circo ultrapassam as leis da gravidade e do equilíbrio. Tudo isto no tempo que dura uma dança.



Ir mais longe :

CAUX, Jacqueline. *Anna Halprin, à l'origine de la performance*. Paris : Éditions du Panama ; Lyon : Musée d'Art contemporain, 2006.

HALPRIN, Anna. *Mouvements de vie*. Bruxelles : Éditions Contredanse, 2009. 345 p.

LE MOAL, Philippe (dir.). *Dictionnaire de la danse*. Paris : Larousse, 1999. 864 p. (Grands dictionnaires culturels).

SINA, Adrien. *Feminine futures : Valentine de Saint-Point – Performances, Danse, Guerre, Politique et érotisme*. Paris : Les Presses du Réel, 2011. Pages 340-351.

SUQUET, Annie. *L'Eveil des modernités*. Pantin : Centre National de la danse, 2012. 959 p. (Histoires).

Centre des Ecritures Contemporaines et Numériques. « Cahier spécial Thierry De Mey » [en ligne], in *Mouvement*, n°59, avril - juin 2011, Paris, Editions du Mouvement, 2011, 50 p. Disponible sur : http://mouvement.net/pdf/tap/CECN_Thierry_de_Mey_janv2011.pdf

FROMNOT, Françoise (dir.). « Jouir d'habiter pour une propriété sociale du logement » [en ligne], in *Criticat / revue bisanuelle*, n°4, Paris, Association Criticat, 2009, p. 98. Disponible sur : <https://issuu.com/criticat/docs/criticat04>

COLOMER, Henri. *La Montagne de la vérité* [DVD]. AMIP Production, 1996, 52 min.

JAVER, Carl. *Monte Verità, le rêve d'une autre vie* [DVD]. Vida Bomben Film AB, 2013, 1h24min.

Compagnie des Prairies [en ligne]. Disponible sur : <http://www.compagniedesprairies.com>

Lézards bleus [en ligne]. Disponible sur : <http://www.lezardsbleus.com>

Neopost Foofwa [en ligne]. Disponible sur : <http://www.foofwa.com>

Trisha Brown Dance Company [en ligne]. Disponible sur : <http://www.trishabrowncompany.org/>

Kitsou Dubois [en ligne]. Disponible sur : <http://www.kitsoudubois.com>



Créditos :

Seleccção de excertos

Julie Charrier-Duret

Seleccção de textos e bibliografia

Julie Charrier-Duret

Produção

Maison de la Danse

Biografia do autor :

Depois de anos em estudos de dança, no Conservatório de Avignon, em seguida, no Centro Nacional de Dança Contemporânea de Angers, Julie Charrier está se movendo para a produção de filmes documentais e captações de shows ao vivo principalmente centrados em dança contemporânea para muitas empresas de produção. Como consultora, então editorialista, ela participou do nascimento e desenvolvimento de Numeridanse.tv. Ela coordena para o ACCN e o Ministério da Cultura, delegação para a dança, a digitalização do patrimônio coreográfico francês e criou o site www.30ansdanse.fr.

Ela é responsável pela direção artística e produção da coleção 360 Histoires d'espaces, que questiona as novas possibilidades que a realidade virtual oferece para performances ao vivo.

O Parcours “Danças no exterior” foi lançado graças ao apoio do Secretariado Geral de Ministérios e Coordenação de Políticas para a Inovação Cultural